O dia em que Lacan me adotou: minha análise com Lacan

Leandro Alves Rodrigues dos Santos

Resenha do livro de Gerard Haddad. *O dia em que Lacan me adotou: minha análise com Lacan.*
Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

Este livro descreve uma análise com Lacan. Só isto já bastaria para capturar o interesse dos leitores deste periódico, mas, para além disto, esta obra apresenta uma relevância peculiar: revela a análise de um analista, tema tão freqüentemente discutido no campo lacaniano, no qual os pesquisadores estão sempre às voltas com temas como: o final de uma análise, o passe e a formação do psicanalista.

O autor, Gerard Haddad, psicanalista, formou-se em psiquiatria durante a análise com Lacan, que foi procurar devido a uma de suas recorrentes crises de humor, bastante angustiantes, ainda num momento no qual era engenheiro agrônomo, trabalhando em campos de arroz.

Retornando a Paris, agenda um horário com Lacan, episódio que, segundo o próprio autor, o marcará profundamente. Durante todo o livro, não faltam exemplos de como essa afirmativa pode ser comprovada, mas aqui delimitaremos um aspecto que nos parece essencial: a surpreendente atuação de Jacques Lacan, que efetivamente difere, e muito, da condição de grande mestre no qual é freqüentemente colocado pelo imaginário das pessoas, especialmente no universo psicanalítico.

É comum encontrarmos na atuação de lacanianos algumas particularidades: o manejo com o dinheiro – receber no final de cada sessão, escutando a questão que envolve a idéia do valor dos honorários nas entrevistas iniciais enquanto significante e especialmente no que concerne ao tempo, para além do relógio o corte da sessão, a marcação precisa na palavra, enfim, diferenciais significativos, particularmente se postos em relação a outras abordagens que privilegiam o inconsciente, como, por exemplo, no caso da escola inglesa.

E Lacan? Ou seja, aquele que ousou criar todo esse aparato de operadores a partir de seu clássico "retorno a Freud", como lidava com tudo isso? Aí está a surpresa, pois ao menos com Haddad, Lacan formulou o preço da sessão, afirmando que pela sua fama não poderia cobrar menos; atendia com a porta do consultório ligeiramente entreaberta; dizia que poderia ser pago por sessão, semanal ou mensalmente, e que o dinheiro deveria ser depositado em um pequeno móvel que ficava na sala de espera, no qual repousavam seus livros em uma ampla estante. Não cessa por aí: presenteou sua fiel secretária Glória com um apartamento, comia sanduíches e folheava jornais ruidosamente durante as sessões; sugeriu ao autor que analisasse os próprios filhos; telefonava a este indicando que o esperava num domingo, cobrando o dobro do valor da sessão; atendia-o em horários variados, desde antes das sete da manhã até por volta das nove da noite, num ritmo frenético, como comprovamos nas palavras de sua colaboradora Glória: "Ele às vezes trabalhava aí até as três horas da manhã. Mais de uma vez, encontrei-o adormecido no meio das folhas de papel sobre as quais tinha trabalhado..." (p. 298).

Trocando em miúdos, afinal, o que traduz todos esses detalhes, muitas vezes beirando o folclórico? Talvez o que esteja em jogo, de fato, seja algo de outra ordem, daquilo que diz do estilo de um analista, tão singular quanto importante, como podemos depreender de em uma frase do próprio autor: "Com sua infernal escansão diária, ela [minha análise] operou uma mudança radical tanto em minha subjetividade quanto em minha existência mais concreta. Daí adquiri a convicção de que uma subjetividade inconsciente ativa, que calcula e elabora estratagemas para chegar a seu fim, agia sob a máscara de minha consciência" (p. 219).

As intervenções de Lacan mereceriam um capítulo à parte, mas devido às limitações de espaço inerentes a uma resenha, destacarei algumas que fazem pensar, como quando aponta a Haddad sobre as questões que atravessavam sua relação com as mulheres e suas decisões: "Sua mulher é a causa de tudo... de tudo, de tudo!" (p. 126), ou até mesmo num momento de profunda desesperança do então analisando: "É um vento ruim que sopra. É preciso agüentá-lo firme" (p.125). Além de uma passagem em especial sobre um aspecto tão criticado pelos que desconhecem a importância do corte da sessão: "Haddad, por que você não veio hoje? – Porque o senhor não me deixa falar. – Faço isso precisamente para que mais tarde você tenha a palavra" (p. 128).

Este livro pode ser facilmente criticado, classificado como um subproduto de um exibicionismo ainda não curado, mas, antes que o leitor se arvore a fazer isso, talvez fosse prudente pensar, num exercício de ousadia, como seria a narrativa de sua (s) análise (s) e, mais ainda, num livro? Afinal, quando tentamos narrar nossas experiências, algo se perde, e nem por isso devemos desprezar seu valor. Como, aliás, Freud já evidenciava quando tratava de sonhos. Encerro esta resenha ilustrando com um trecho do livro que colabora para esta proposição: "Lacan – era a primeira vez que eu sonhava com ele desde que morrera – estava sentado na beirada do grande sofá-cama, um móvel impressionante, alto, estilo Luís XV, que nos servia de leito conjugal. Ele parecia muito velho e seus pés não tocavam o chão. Grossas lágrimas rolavam-lhe pelas faces. Perguntei-lhe a causa dessa tristeza. 'É que não consegui resolver todos os seus problemas', disse. Tranqüilizei-o, reafirmei-lhe a minha afeição e a minha gratidão. 'Ah! O senhor resolveu muitos'. Ele então disse esta última frase perturbadora: Você é meu filho adotivo" (p. 302).

recebido
06/07/2005
aprovado
02/09/2005